

P O E S I A D E S C A L Ç A

A aventura pode ser louca, mas o aventureiro deve ser lúcido. CHESTERTON.

Nº 102 - Ano 07 - Recife, dezembro de 2006 – Distribuição gratuita

NASCENTE

Era um poema caudaloso como um rio
Dava para mergulhar nele
Pulei como um Narciso para a correnteza das
palavras
E ela foi me levando
Beirei margens, explodi nas pedras, lambi troncos,
flores
Reflexo e espelho ao mesmo tempo:
Observando e observado
Cores diáfanas, cores várias, cores sujas
Misturadas desde a concepção na nascente
Verbo e inspiração e esforço contínuo
Eu ia dentro do meu poema
Porque a correnteza das palavras
Não me deixava parar
Imagens tipos casas árvores
Bois carros embarcações
Pescadores sobrados igrejas
Rochas animais selvagens lenhadores
Camponeses canaviais em chamas
Mulheres lavando roupas palafitas
Gente da vida ribeirinha cães nadando
Meninos nus pulando das pontes garranchos
Banho dos cavalos
Lixos nas margens e no leito
Prédios Sol nascente
Tudo motivo para a palavra
Poética.

JOCA DE OLIVEIRA
(ianomangue@elogica.com.br)
Recife, 26.05.2006

Olho em redor do bar em que escrevo
estas linhas. Aquele homem ali no
balcão, caninha após caninha, nem
desconfia que se acha conosco desde
o início das eras. Pensa que está
somente afogando problemas dele,
João da Silva... Ele está é bebendo a
milenar inquietação do mundo!

MÁRIO QUINTANA
(Centenário do poeta)

BONANÇA

O homem na praça
Pensa o mundo sem pressa,
Vê quem fica, vê quem passa,
Vê a folha que cai e ri de graça.

Com o olho na garça,
Engana o tempo sem trapaça,
Longe da guerra, longe da caça
Curte a vida na boa, sem pirraça.

Cabelos ao vento,
Pés na relva,
Cavalga o pensamento.

Lá está o homem.
Nem esperto, nem sagaz.
Só vivo, tranqüilo, em paz.

ALEXANDRE SANTOS
(G'DAUSBAH, Recife, 2006)

POR CAUSA DE UM COMERCIAL DE TV

Eu conheço gente branca,
Conheço gente tição,
Apertei mãos amarelas,
Índios, caboclos, pagãos.
Gente feia,
Pessoas que gostam de mar,
Pessoas bêbadas,
Gente que esquia,
Esguias pessoas mudas,
Líricas vozes.
Conheço mentes sãs,
Insanos governantes,
Pessoas gigantes,
Pessoas anãs,
Ricos, pobres, arremediados,
Poetas e putas.
Pessoas incríveis,
Criminosas pessoas,
Titânicos seres,
Gente boa.
Gente que sua muito,
Secos cidadãos,
Pessoas de boca podre,
Outros de dentadura postiça,
Gente de forró,
Gente de missa.
Padres e gigolôs,
Madres e cafetinas,
Velhas virgens amarguradas,
Despuoradas meninas.
Joãos, Franciscos, Assises,
Marias e Beatrizas,
Charles e Ladies Dis,
Jurumbas e Catabis.
Gente com nó na garganta,
Gente no pó do país,
Gente andarilha, dinâmica
E gente que tem raiz.
Conheço todas as vozes,
Latitudes, cores, mentes.
Cada um é um universo,
Cada um é diferente.
Eu também tenho meu jeito,
Tenho meu jeito de gente.

WILSON VIEIRA
(jvwieira@br.inter.net)
Recife, 22.10.82

POEMINFLAMADO

Você é o fogo
que queimou o fogo
que estava queimando o meu fogo!

FRANÇA

Desejamos
Feliz Natal e
um Próspero
Ano Novo!
2006/2007



O INÍCIO

No ponto onde o mar se extingue
E as areias se levantam
Cavaram seus alicerces
Na surda sombra da terra
E levantaram seus muros
Do frio sono das pedras.
Depois armaram seus flancos:
Trinta bandeiras azuis
Plantadas no litoral.
Hoje, serena, flutua,
Metade roubada ao mar,
Metade à imaginação,
Pois é do sonho dos homens
Que uma cidade se inventa.

CARLOS PENNA FILHO
(GUIA PRÁTICO DA CIDADE
DO RECIFE)

NOVA POÉTICA

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.
Poeta sórdido:
Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.
Vai um sujeito.
Sai um sujeito de casa com a roupa de brim branco
Muito bem engomada,
E na primeira esquina passa um caminhão, salpica-lhe o
paletó ou a calça de uma nódoa de lama:
É a vida.
O poema deve ser como a nódoa no brim:
Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.
Sei que a poesia é também orvalho.
Mas este fica para as meninhas, as estrelas alfas,
As virgens cem por cento
E as amadas que envelheceram sem maldade.

MANUEL BANDEIRA, 19 de maio de 1949
(BELO BELO)

CANÇÃO SUBURBANA

Tinha um sonho.
Naquela noite não conseguiu dormir.
Pôs os sapatos de borracha
E foi para o bar da esquina
Embaixo do maior temporal.

JORGE LOPES

***Que as bruxas possam voar
livremente!***



CALMA MENTE

A vida passa devagar na praia
Um roupão vai cobrindo as varizes do tempo
Assim como eu sem nenhum tesão em ir pro Galo
Nem vendo graça nenhuma em ficar
Subindo e descendo ladeiras de Olinda.
A vida passa gostosamente devagar na praia,
Assim como passou aquela senhora,
E eu aqui agora

MIRÓ

O AMOR DE AGORA

como dizer sempre
se o sempre é agora

basta ter nas mãos a carícia
o presente nos olhos
e o amor não demora

quem gosta da eternidade é a alma
o corpo não
o corpo se farta na chama
se espalha na chuva
se move entre mãos

quero dizer sempre
que o corpo é presente
é pele e é saliva
e o amor
o amor é agora

CIDA PEDROSA
(www.interpoetica.com)

Além de me renegarem mil vezes, esses com quem divido a mesa me roubam o pão e o vinho. Não sigo para casa abatido ou preocupado, aliás, não carrego peso algum. Eles sim, carregam a mim, de braços abertos, em cruz.

FRANCISCO ESPINHARA
(SANGUE RUIM, pág.68)

**REPENTE
DEMENTE E VIAJADO**

Carroças transitam
Pelos quartos – bacanaís.
A feira...armada e montada
Dentro da Igreja:
- “Três, três! É três por dez!”
Muros mágicos e quintais feitos de luz.

Os calendários envelhecem
A atmosfera do meu quarto.
Mas, quando me arreto,
Faço carreira
E levanto vôo desse meu chão.
Vou ter conversa ligeira
Com Zeus e Bandeira;
Lá pelos arredores de Plutão.

Deixo saudade colorida
Na tua boca feminina.
Deixo um rastro de néon
E óleo diesel quando parto.

Deixo o teu coração sofrido
E em pedaços;
Ensopado em éter, amor e gasolina.

MALUNGO

A NOIVA DO POETA

A minha noiva se reparte toda nas minhas quatro amantes
Sara, Ester, Rute e Raquel
Sara tem o seu ar e o seu corpo,
Ester a sua cor e os seus cabelos,
Rute tem o seu olhar e seu andar,
Raquel tem sua boca e sua voz,
A minha noiva magnífica só existe
Na minha imaginação.

ISMAEL NERY

(Pintor, desenhista, poeta e filósofo paraense, 1930-1934)

**PELA LIBERDADE DE IMPRENSA!
VIDA LONGA AOS NOSSOS CRÍTICOS!**

VISITE OS SITES:
www.jocadeoliveira.com
www.interpoetica.com
www.algumapoesia.com.br

**ALIANÇA UNIVERSAL DOS
HOMENS**

Que os homens desonrem a dor
Que os homens só visem à flor

Que os homens não sonhem com
a guerra
Que os homens dividam a terra

Que os homens não sigam ao léu
Que os homens prossigam ao Céu

Que os homens não reguem os males
Que os homens só remem nos mares

Que os homens revoguem leis más
Que os homens renovem a Paz.

Que os homens afoguem a fome
Que os homens afaguem os homens

Que os homens não façam carniça
Que os homens semeiem Justiça

WALMAR
(CANÇÃO RURBANA)
“in memoriam”

ANÚNCIO Há vagas
Para máquinas

Não há vagas
Para homens

VITAL CORRÊA DE ARAÚJO

A musa do último PD deste ano é a doce **MARINA FRAGA**, filha da atriz de teatro, **Auricéia Fraga** e do professor e poeta **José de Melo**.

Aluna de Biologia da **UFRPE**, Marina adora o mar, dançar, fazer amigos e viajar.

Para deleite dos leitores e poetas de todas as latitudes, a suave beleza de Marina.

DEUS EXISTE, CAMBADA!!!

INCOMPATIBILIDADE

Ingenuamente criamo-nos
Um só fruto,
Repartido
Pela quase cega faca do mundo,
Apodreci à procura de tua parte.
Tu
Dormistes sem querer,
Por só ser pra si,
Dentro de uma geladeira.
Deteriorado
Não suportos tua frieza.

IVAN MARINHO

EM CANHOTINHO

Pra fugir de amores naufragados
Entre os mares distantes que cruzei
Para as águas nascentes eu voltei
E tentei ver meus sonhos renovados

Todos eles deviam ser lavados
Pelas águas primeiras que tomei
Com o corpo doído então limpei
Ferimentos que estavam infectados

Foram rios e fontes naturais
Que cumpriram comigo rituais
Me trazendo de volta a esperança

Que me cheguem também as emoções
Que se cantem talvez velhas canções
Me fazendo voltar a ser criança

GRAÇA NASCIMENTO
(in OUTRAS GRAÇAS)

Mas enquanto a ninguém da família excluímos, há aqueles por quem maior a afinidade. Eu tenho a minha afinidade maior: **WHITMAN**. Quando faço um poema e um leitor diz que se lembrou de Whitman, ah como me sinto bem! Porque nunca o imitei, nunca o copiei. O que o leitor terá notado é uma afinidade. **Geraldo Brasil, Recife, 03.03.95**

CONTATOS: Joca: (081) 3454-2699 e (081) 9132-2422. Wilson: (081) 3453-0705

Com a mesma fórmula simples com que começamos, o Poesia Descalça termina o seu sétimo ano de vida apresentando novos e consagrados poetas para seus leitores. Sobrevivemos pelo amor à Poesia embora a carência de recursos ou patrocínios quase nos fez desistir. Outro dia, um dos nossos editores encontrou-se com um amigo do tempo da universidade. Ao apresentar o jornal, este comentou: - **Ainda continuas com essas mesmas besteiras?...** Nada mais desestimulante.

Por outro lado, temos recebido apoio de diversos poetas, escritores e amigos de diferentes partes do país. Pela iniciativa, pela coragem de lançar gente desconhecida e por apostar na Poesia mesmo sabendo que a Poesia nunca está nas prateleiras das livrarias (somente com alguns raros consagrados) entre os dez melhores mais vendidos.

Vimos, uma vez, a lista de quase nove mil poetas brasileiros. Um, digamos, cadastro de poetas bastante interessante e necessário para quem pesquisa. Muitos de nós não compomos essa lista, porque a mesma se baseia numa pesquisa tirada de quem recebe direitos autorais. A maior parte de nós temos o caráter alternativo na forma superlativa, distribuindo nossa poesia de forma gratuita e, quando em livro, a composição é geralmente feita com edição do próprio autor. Vendemos aos amigos e familiares, nas ruas, nos bares, nas noites de Olinda e Recife.

Mas não estamos aqui para chorar. Nosso PD – um pouco como a geração mimeógrafo – tem a seu favor a modernidade das impressoras de computador. É como imprimimos e o lançamos na rua. Além do que dispomos da Internet, que é um excelente veículo de divulgação.

Estamos felizes porque não estamos sozinhos. A cada dia cresce o número de fanzines poéticos no Recife tentando suprir nossas necessidades de divulgação: **DE CARA COM A POESIA, SAMSARA, OVNI, CAOS** estão, há algum tempo, nas paradas, e outros estão vindo...

Continuaremos lançando nossas poesias e, esperamos, por longos e longos anos. Não sei se vai nos trazer dinheiro ou prestígio, porém, verdadeiramente, deixará mais leve o fardo nosso de cada dia.

RELÍQUIAS DE UM AMIGO

Para Amaro dos Olhos Verdes

Amaro, amado, amável amigo
Ativo, ativo alegre André
Dos olhos, nos olhos, dos olhos verdes
Verdes da alegria, da esperança e da bondade
Verdes de brilho ofuscante, da humildade e da paz

Amaro, amado, amável amigo
Os teus cabelos grisalhos
São beijos do luar nas noites de serenatas
São fios prateados dos idos da boêmia
São pingos da chuva, perpetuados em primaveras.

Amaro, amado, amável amigo
O teu bailado representa a dança dos cisnes
Os teus pés deslizam macios e magistrais
Deslumbrando e exaltando os enamorados
Dos olhos, nos olhos, dos olhos verdes

LUIZ DE FRANÇA

Ribeirão, maio de 1996

**RECIFE
100 ANOS DE FREVO**

PALAVRAS DO CORAÇÃO

Eu te amo tanto
Que não sabes o quanto,
Nem o que farei
Para te pertencer.
Tenho comigo
Um desejo contido,
Uma grande paixão
Guardada, escondida,
Bem dentro de mim.
E a vontade, sem medida,
De ser feliz contigo.
Para melhor dizer
O quanto te amo,
Faço minhas
As palavras do coração.

LUÍS SILVA

**MERDA E OURO
(1987)**

Merda é veneno.
No entanto, não há nada
Que seja mais bonito,
Que uma bela cagada.
Cagam ricos, cagam pobres,
Cagam reis e cagam fadas.
Não há merda que se compare
À bosta da mulher amada.

**PAULO LEMINSKI,
O KAMIQUASE**

NOEL DA SILVA

(Abre a cena, num shopping):

Blén, blén, blén!... Rô, rô, rô!
Surge Papai Noel.
Surge, suado, Papai Noel em
Recife.
Por dentro da fantasia,
O homem está feliz,
Está empregado,
É Natal.
Depois de uma dieta,
Para manter-se gordo,
Gordo veste-se Papai Noel
Para tirar retratos,
Gordo veste-se Papai Noel
Para abraçar crianças,
Gordo veste-se Papai Noel
Para concretizar a fantasia.
Blén, blén, blén!... Rô, rô, rô!

....
O expediente acabou,
O gordo vira mais um simples
gordo e, também, para seus
filhos
Não é mais Papai Noel.

JOSÉ DE MELO

**BRINCADEIRA É COISA
SÉRIA**

Ainda brinco de poeta
Com meu revólver de água e barro
Atirando balas suburbanas
Contra Homero, Virgílio,
Dante, Milton, Shakespeare
E outros que fazem
A grande poesia universal
E continuam comovendo
A humanidade.

**LUCIANO NUNES
(lununes5@yahoo.com.br)**

AGUARDEM COLETÂNEA

Vários autores vivendo
Pernambuco



Joca de Oliveira ao lado de poetas e amigos no Recital dos Alunos do Colégio Savina Petrilli, Ano 2006, em Ribeirão – PE.

na delegacia

preto pobre natural
de Barra do Pirai
auxiliar de pedreiro
agora puto
e presidiário
? e o doutor vem me falar
em paranóia? **Helena Ortiz**



OLHOS ANCESTRAIS

Bebi das pedras do rio Ipanema,
 água parca, cacimba de esperanças.
 Das pedras, em sua dureza,
 herdei o tino de rolar
 como seixo
 mundo acima
 mundo abaixo
 com os olhos
 de todos os olhos ancestrais.
 Com o fogo do sol
 marcado no corpo,
 nos meus caminhos
 trago cactos,
 o coração, os espinhos.
 Bebi das pedras da cidade
 grande e inflamável
 o coração sem farpas
 enrodilhado no brilho falso dos
 néons:
 nas esquinas me disfarço.
 O palhaço, o moleque, o nó
 engasgado
 e nos olhos
 - com todos os olhos herdados -
 ressoa a cantiga dos encantados.

MANOEL CONSTANTINO
 (Ator, Produtor e Diretor de
 Teatro, Poeta, Jornalista e Editor
 da Agenda Cultural do Recife)

CHUVA NO SERTÃO

Uma chuva que chega
 Sem fazer alarde
 Trazendo em sua demanda
 Uma dura realidade.

Uma chuva que não molha
 Nem mesmo é de verdade
 Uma chuva que se vai
 Para onde não se sabe.

Uma chuva magra
 Que não traz novidade
 Um consolo pirangueiro
 Para o chão que arde.

BRUNO CANDÉAS
 (POETA NU NA ALCOVA)

Quando abri a janela os pássaros
 voaram assustados.
 Agora o dia já vem entrando na
 sala,
 passou o primeiro metro
 quadrado.
 Lá fora, os carros estão
 molhados de chuva.
 O dia entrou pela janela e
 assaltou a casa toda.
 Não ficou nenhuma sombra da
 noite escura.

REGINA CÉLIA

CIDADÃO FELICIDADANIA (Jomard Muniz)

Mas a Lira também é nossa e de ninguém, no entre-lugar de Orfeu e Prometeu. Nós que amávamos tanto e tontamente a revolução do homoerotismo (muito mais utópico do que o pragmatismo homossexual) ao metadesejo ou superdesejo de uma revolução permanente (entre a beleza militante de Guevara e o sorriso de palhaço eletrônico do Chacrinha). Toda Lira sempre restará convivendo entre parênteses fenomenológicos: dos dados imediatos da percepção – “o sol nas bancas de revista”...- aos projetos de utopia da artevida. Se “ninguém é cidadão” como reencontrar a “felicidadania”? Como reunir, no mesmo projeto de vida revolucionadora, fenomenologia existencial e ontologia marxiana? O prazer e a luta de classes? A ética e o mais-gozar? A justiça social e a complexidade do *escrevivendo*? Os processos de singularização e os desejos transformativos? Através da pop-filosofia baiana nossa Lira redescobriu a leveza de um outro silogismo existivo. Como assim? Se o negro é a soma de todas as cores e a nudez é a latência de todos os desejos, todos os homens são mortais, como Sócrates, Lucas e Diogo. Porque o beijo não é a soma, porém, o sumo de toda clarividência, ou seja, o mais sutil anúncio ou amorosa denúncia de gozo, além de todos os desejos. Ternuras, nervuras, negação e nebulosidade. Outro silogismo além do medo. Porque toda Lira também fala e falha em nome dos desejos e querer. Toda Lira é o amor que nos faltar. Toda Lira sendo, portanto, o outro cântico dos cânticos. Uma câmara em panorâmica para terminar em close do beijo na boca do céu e dos eleitos. Da baía de Guanabara, serras de veludo musicalíssimas, ao Capibaribe refletindo toda a mais fiel e feliz podridão da *alma brasileira*, tão cantada e reinterpretada por Nelson Caetano Rodrigues Veloso. Teoremas, iluminações, desespero, agonias em família, prazeres grupais, desterritorializações. A Lira dos Vinte Anos, por todos os interditos, ainda continua um Enigma, mas, sobretudo, nos falta e falha paciência ou coragem para decifrá-lo...

HISTÓRIAS DE VÓ NANAÍRA

A REZA DO JUSTICEIRO

Naquela época de meus pais muito jovens, assim conta o povo, havia um “nêgo” matador, semelhante aos justiceiros de hoje. O povo afirmava que esse tipo possuía mais de trinta mortes nas costas. De encomenda, por simples vingança e até por ele não ter gostado do olhar que algum indivíduo, sem razão aparente, lhe havia lançado. Era Severino Tibúrcio, do Engenho Santa Rosa. Era o boitatá da região, o *pantel*, o homem mais temido por aqueles lugarejos atrasados de minha meninice. Pois bem, era famoso, entre a população da cidade vizinha àquele engenho, e corria, também, entre os moradores de outros engenhos, o boato de que o nego Tibúrcio se encantava (quando cometia um crime e a polícia lhe saía no enalço, toda equipada com o que podia no momento). De que ele havia aprendido, não se sabe com quem, rezas fortes que o transformavam num tronco de árvore, num bicho do mato, numa sombra, num garrancho mergulhado até metade dentro do rio. Meu irmão, Doda, que eu sempre achei um rapaz muito esperto, dizia não acreditar nessas conversas. Ele afirmava que sempre houve senhores de engenho naquelas terras que acoitavam criminosos quando estes eram trabalhadores ou capangas daqueles mandantes. A polícia passava e eles: – *Gente, não vimos o homem. Sumiu*. Doda achava que a maioria das mortes atribuídas a Tibúrcio eram encomendas dos próprios senhorios. Estes, quando sabiam pelas conversas dos trabalhadores que alguém estava fazendo planos – geralmente pequenos agricultores – que poderiam atrapalhar seus negócios, invariavelmente ordenavam a remoção do obstáculo. Esse sempre foi o pensamento de Doda.

Bom; o caminho do homem violento nunca deu semente que prestasse. Pois foi que, um dia, Tibúrcio assassinou o trabalhador Aderaldo, na frente do filho do coitado. O menino se chamava Israel e era quem ajudava o pai na pequena lavoura que crescia bonita ao lado da humilde casa daqueles simples agricultores. Acontece que, depois do crime, Israelzinho nunca mais foi o mesmo. Cresceu e tornou-se rapazinho calado, esquisito. Acordava com pesadelos enormes, brigando com onça, com jacaré, com cobra d’água e, às vezes, a mãe contava, até com demônios da mata. Nunca mais dispensou a peixeira nos quartos. Tinha um olhar sério, às vezes sombrio, para um menino de dezesseis anos.

Minha gente, num domingo de feira na cidade, com uma ou outra Rural e pequenos caminhões conduzindo o povo para o centro, Tibúrcio teria o seu dia de desencanto. Cometeu um erro gravíssimo para um matador experiente como ele. Entrou no mercado, sentou num boteco, e encheu a caveira. Bebeu até não agüentar mais. Depois, saiu cambaleante e foi se sentar num banco da praça, em frente ao mercado. Ninguém encostou, sabiam da fama do homem. Só Israelzinho olhava, da esquina, calado. Não demorou dez minutos, e o menino foi se aproximando, devagarzinho, do local onde se encontrava Tibúrcio e, ao chegar perto do sacripanta, fez uma pergunta corajosa: – *É o senhor o matador Tibúrcio?!...* A voz engrolada de Tibúrcio, esforçando-se para dizer algo, iria parar ali. Israelzinho aproximou-se do banco, tirou sua faca-peixeira e cravou no peito de Tibúrcio. Por afronta, deixou-a enterrada no peito do infeliz. Depois, correu até a esquina, montou em seu cavalo e se perdeu no mundo. Seu Aderaldo estava vingado.

11.
Também houve mulheres indomáveis
Em minha cidade
Algumas se sobrepunham
Aos nomes dos maridos
Manuel de Maria
Nel de Nice
Manuel de Quidó
E até quando o homem
Buscava uma amante
Rompendo seus vínculos de casado
A amante carregava junto ao seu
O nome da outra
Que era dona do marido:
Lieza de Nel de Nice

Mulheres tantas que antes já cantei
Grandes em sua pequenez
Maria Um, Maria Três Vinténs
Maria do Céu, Maria Corneteira
Maria de Businho, Maria Bochechinha
No ápice, Maria Senhora
Já que era de Marias, minha cidade.

Os poucos grandes homens
Eram pícaros
João de Dudu, Atimboré,
Ioiô de Dominginhos...
Riscados da nova face da cidade
Nem lhe deram um nome de rua
São pobres os atuais nomes
Das ruas de minha cidade
Riscaram os que se untavam
De sabedoria, de uma gente anônima

São políticos os nomes
Alienígenas que enfeitam as esquinas
Em placas, desprezadas pelo povo
Que teima em usar antigos nomes
Rua do Ouro, Rua do Melão
Rua da Mangueira, Canto Escuro
Rua da Sicupira, Rua da Tapagem...
Nomes autênticos de rua
Que sempre estarão nas bocas inventoras

MANOEL CARDOSO
(*TRANSLÚCIDO SILÊNCIO, Págs. 47/48*)

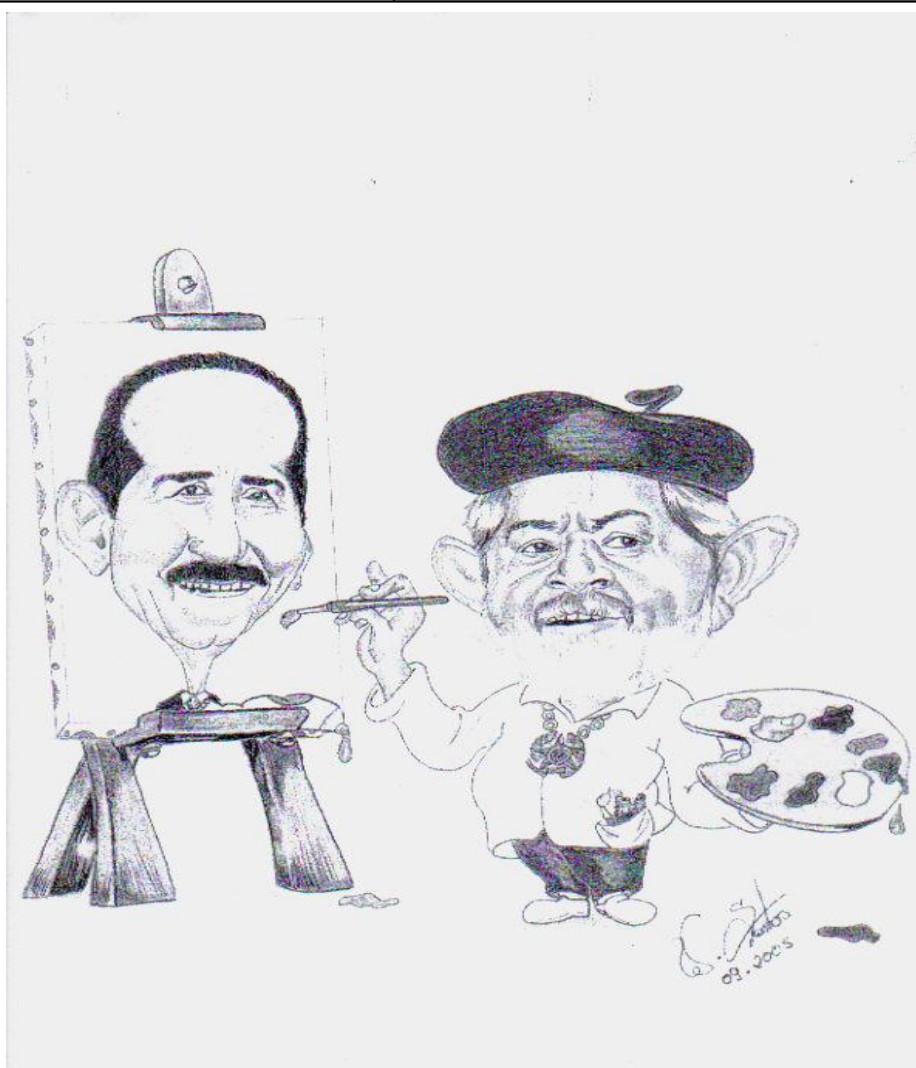
MARGEM (Música e letra: **Roque Braz**)

Havia um doce rio vazio de navegar
Mar que se fez bravio o rio transbordou
Sob a alquimia do seu claro olhar
(O sol ardia e ninguém nem notou)
Franca calma de resolução
(O tempo urgia e nada disse “não”)
Pequeno pau solto em pleno mar,
Você mostrou que a vida é fé na tábua
E é cais e é água

Havia um claro mar a procurar o rio
Viu-se vazar, rasar, quando o encontrou
Sob a fantasia do seu doce olhar
(O sol ardia e o tempo clareou)
Todo o amor-magia do seu coração
(O tempo urgia e o sol se fez clarão)
Segura margem amparando o rio,
Você mostrou que a vida é muito e mais
E é água e é cais

**Caricatura de Wellington
Pinto dos Santos sobre a
Política Nacional Recente.**

**POESIA DESCALÇA 102 –
PÁGINA 5**



A ARTE DE ESPERAR MARIDO

Foi-se o tempo em que as mulheres esperavam os seus maridos com uma quartinha de água bem fria, chá de boldo e Alka-Seltzer, e até uma toalhinha branca, sob o oratório da sala, para o cabra se limpar em caso de vômito na chegada ao lar. A mulher de Câmara Cascudo, na cidade de Natal, era um desses exemplos dadivosos. O etnólogo chegava do puteiro, onde ia buscar dengo, cafunés e sabedoria, e era recebido com honras caseiras, sempre ao amanhecer. E nunca largou a sua amada.

Em busca da delicadeza feminina – engolida pelo conto do vigário do feminismo ianque e enterrada pelo recrutamento neoliberal para tarefas indignas e mal pagas – deixamos, nesta ocasião, uma receita pescada de *Comes e Bebes do Nordeste* (Edições Bagaço, Recife, Pernambuco), do insigne pesquisador Mário Souto Maior.

O milagre foi colhido junto a dona Hildergardes Viana – estupenda especialista em culinária nordestina. Ela explica, em duas, três linhas como se constitui o famoso espera-marido:

“Faz-se uma calda grossa com uma libra de açúcar. Quando estiver fria, adicionam-se seis ovos bem batidos.” Pronto. É gemada para reativar as forças do vagabundo e prorrogar, ad infinitum, qualquer acasalamento.

XICO SÁ
(*Modos de Macho & Modinhas de Fêmea*)

VIOLÊNCIA SOCIAL

A arma, o alvo, estampido
A bala, a mira certa
A queda, a dor, o gemido
A morte por companheira.

Mais um no chão estendido
Se for sem eira nem beira
Todo o mundo comovido
Se o corpo tem coleira.

Menor, se assim for pobre
Adolescente, se é nobre
Nos dita a sociedade.

Quando a vida se faz morta
Nada disso mais importa
Nos dita a realidade.

JORGE FILÓ 12.12.2006

A Ivan Morais Filho
(jornalista do CCLF - Centro de Cultura Luiz Freire).
Gigante na defesa dos direitos humanos.

<p>MERIDIANO</p> <p>Vivemos a grande noite. Cada amor em seu amor se oculta.</p> <p>Quem nos roubou a ternura escondida? O corpo claro e diurno?</p> <p>Como os animais e as crianças um dia a vida será só vida.</p> <p>CELINA DE HOLANDA</p>	<p>Teve também a Isaura Que me declarei a ela Esta pegou a chinela Sapecou na minha cara Inda pegou uma vara E partiu pra me matar Eu pra não me arrebentar Saí com a cara ardendo Pelo jeito que estou vendo Vou morrer sem me casar</p> <p>JOSÉLIO ARAÚJO</p>	<p>POESIA DESCALÇA 102 - PÁGINA 6</p>
<p>MEDO É MANHA! José Sebastião.</p> <p>PARA TER UM ANO NOVO NÃO DEVEMOS SOMENTE...</p> <p>...acreditar que por decreto da esperança A partir de janeiro as coisas mudem E seja tudo claridade, recompensa, Justiça entre os homens e as nações, Liberdade com cheiro e gosto de pão matinal, Direitos respeitados, começando Pelo direito augusto de viver. Para ganhar um ano-novo que mereça este nome, Você, meu caro, tem de merecê-lo, Tem de fazê-lo de novo, eu sei que não é fácil, Mas tente, experimente, consciente.</p> <p>DRUMMOND</p>	<p>Possuo uma viola, muros afastem-se, A má sorte vai me querer Por não ver a liberdade durante um século; Cortem-me a garganta, cortem-me as veias, Mas não arranquem Estas cordas de prata...</p> <p>POESIA POPULAR RUSSA</p>	<p>Eu parto do princípio de que sou um plagiário, e não respeito a propriedade intelectual de ninguém. GLAUCO MATTOSO</p>
	<p>MESMO ASSIM OU QUASE</p> <p>Às vezes, eu, não sei por que, me espanto. À minha volta, eu nada vejo, e tento, de um jeito ou outro, ver algum alento. Nem a mim tenho... É mesmo assim, no entanto.</p> <p>O que procuro, como que sem canto, e sem futuro, frustra o meu intento. E não desisto, e continuo... mas lento. E o que prospera é tudo o que não planto.</p> <p>E é nessa hora que eu me desmonto e um pranto seco choro... e não desminto... E eu me excedo quase assim... extinto...</p> <p>Sem nada em volta e, dentro, eu nem conto, por desencanto, chegar a algum ponto. Tão só estou que nem em mim me sinto.</p> <p>MANUEL BUARQUE (Recife, 26nov06)</p>	
	<p>Chego para meu encontro semanal com a crônica, e abro no e-mail do jovem procurador da Fazenda de Ribeirão Preto, indignado com minha demonstração de apoio ao empresário em dificuldades, que foi tratado como criminoso e condenado à prisão. Diz que o papel deles é fazer cumprir a lei, defender o empresário correto do sonegador. Respondo-lhe que só a idade ou a sabedoria precoce torna as pessoas suficientemente sábias para ter o discernimento de separar o criminoso do homem sério em dificuldades. Ele tem 32 anos, mas chega lá.</p> <p>Trecho de O SENHOR JUIZ, de LUÍS NASSIF</p>	
<p>NAVA</p> <p>O suicídio é a única questão filosófica, disse Camus. O homem é o único animal que resolve se matar. Que resolve se resolver. O suicídio é ao mesmo tempo um gesto de desistência e de rebeldia. O homem sabota os desígnios que seus tecidos tinham para ele.</p> <p>Se adianta, denuncia a trama na metade, conta o fim da história antes que ela acabe, corta essa. O suicídio é antinatural. Não estava previsto na criação. É um desafio ao sistema. O suicida não está sob nenhuma jurisdição salvo a da sua vontade. É como a masturbação: só cortando as mãos. O suicídio é o supremo paradoxo humano, porque é o último. Não é, como na piada, a autocrítica levada longe demais. O homem se mata para se preservar. Para se desagravar. Para dar uma lição nos outros cujo efeito nos outros ele não vai ver. O suicídio é uma usurpação. O suicida improvisa o próprio cadáver antes que o tempo o faça. É uma extrapolação. Nossa função não é esta.</p> <p>Estamos aqui para ser, sem perguntas. O corpo não é nosso, só temos o usufruto. A vida é a despeito de nós. Este coração pulsando, esta fome, pertencem a outra ordem, que não é da nossa conta. O suicídio é uma intromissão indébita nesse processo lento e obscuro das células e dos astros. Já que não o desvendamos, o explodimos. A gente não vive, a gente é vivida. Não somos as células se decompondo, somos o que contempla a própria degeneração, perplexo. Não somos o cérebro nem a mão que leva a arma ao cérebro, mas somos, finalmente, definitivamente, o que puxa o gatilho. Mas por que um homem de 80 anos se suicida? Num homem de 80 anos o suicídio é quase tão escandaloso quanto uma aventura amorosa. Não se faz.</p> <p>Aos 80 anos um homem já devia ter sua perplexidade ajustada, num lado, como uma hérnia inoperável. Já devia ter passado por todas as rupturas perigosas – do desespero, da auto-indulgência – que fazem os moços se matarem. Pode se suicidar de impaciente, mas a impaciência também é coisa de moço. Pensei que houvesse uma glândula, algum dispositivo, que na velhice nos reconciliasse com esta coisa que acontece em nós, e da qual não sabemos a metade, que é uma vida finita. Não há. Merda, não há.</p> <p>LUIS FERNANDO VERÍSSIMO (A Mãe do Freud)</p>		